

CARTA À EDITORA

UMA PEDAGOGA QUE ESCOLHEU SER ANTROPÓLOGA

Rosilaine Pereira

Recebido em: 22/06/2020

Aceito em: 29/06/2020

Prezada Editora,

Esta é uma carta endereçada a cientistas sociais. Mas é, especialmente, para os pedagogos que se aventuraram nas ciências sociais. Meu objetivo, então, com esta conversa, é encontrar algum pedagogo nessa mesma fase que eu, descobrindo os encantos da antropologia. Embora a minha história seja de uma estudante que “mudou de área”, nossas histórias não precisam ser iguais nesse sentido. Em síntese, esta conversa é com você que, como eu, viu um novo mundo se descortinar quando descobriu todos os predicados da antropologia, na Faculdade de Educação, e desejam fazer suas investigações de iniciação científica ou suas monografias de final de curso, no campo da antropologia da educação.

Escrevo estas palavras para refletir com vocês sobre a minha trajetória acadêmica na graduação, que se iniciou em 2017, com eu achando que seria pedagoga, e sendo concluída em 2021, com a certeza de que seria antropóloga. Com isso, imagino as respostas que podem surgir de vocês sobre este nosso diálogo: Alguns podem achar que pedagogia e antropologia tem tudo a ver. Outros podem achar que não tem nada. Para os que acham que não tem nada a ver, me dei a tarefa de te fazer refletir que, sim,

que as duas ciências têm diversas convergências, embora não haja uma linearidade em seu encontro (DAUSTER, 2004; 2015; ROSISTOLATO, 2013; 2018).

Mas, antes, vale ressaltar, caro leitor, que eu não sou o tipo de indivíduo confuso, que não sabe direito o que quer. E tudo bem se você for assim, está bem? Só estou trazendo essa característica da minha personalidade porque, talvez, alhures, você entenda os conflitos que essa segurança toda me levou nesse período de mutações que a antropologia me trouxe.

Eu nunca sonhei em ser pedagoga, na verdade. Logo no início da graduação, eu via meus colegas de turma trazerem longos debates sobre a importância política de suas escolhas pela educação como profissão. Eu era a pessoa que tinha escolhido cursar pedagogia porque tinha que escolher uma profissão e, entre todas as outras, ser professora era algo que me agradava, além de adorar crianças. Não pretendia fazer mestrado e nem doutorado. Queria terminar a graduação e trabalhar em uma escola. Pensava, sim, em fazer cursos de formação continuada, claro, mas, não tinha o menor desejo de voltar para a Academia.

Logo nos primeiros períodos do curso de pedagogia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, existe uma disciplina chamada antropologia na educação. Eu, que sempre fui tímida e estava em um curso onde questões didáticas e práticas eram muito significativas na formação de um professor, vi uma disciplina que levava em consideração — e com a mesma importância — as questões subjetivas. Os silêncios. A observação. Aquilo despertou algo em mim *sui generis*.

Pouco tempo depois, comecei a me interessar por pesquisa, como estudante de iniciação científica, sob a orientação de um antropólogo. E um dos primeiros textos, fora da temática da antropologia e educação, que meu orientador me recomendou a ler foi o livro “Os índios e nós”, de Seeger (1980). Ali, eu senti alguma coisa diferente, com aquela leitura. Lembro até hoje que eu falei para meu professor: “Professor, eu fiquei emocionada. Eu nunca li um texto acadêmico com tamanha intensidade e profundidade.”. Daí ele sorriu e disse que eu tinha sido picada pela mosca antropológica, que com ele tinha acontecido a mesma coisa, nos tempos de estudante de ciências sociais, na graduação. E completou: “Acho que você vai ser antropóloga.”.

Eu tomei um susto. Porque eu já havia pensado na possibilidade, mas eu mesma afastava a possibilidade. Vou aludir, caro leitor, que no começo dessa “transição”, pensar sobre isso era um deletério. Várias questões me tomavam: “como eu vou dizer para a minha família que vou ficar mais seis anos estudando para me tornar antropóloga? ”, “como eu vou explicar para os amigos que vou “deixar de ser” pedagoga para ser antropóloga? ”... “Antropologia? Mas o que é antropologia?” (MARTINS, 2019), as pes-

soas me perguntavam, no início. Pensar em uma mudança que, naquela época, eu entendia como completamente brusca, era muito amedrontador para mim.

Depois disso, quanto mais eu lia os clássicos — Boas (2004), Damatta (1978), Evans-Pritchard (2005), Hertz (1980), Malinowski (1978), Mauss (2017), dentre outros —, mais eu sentia que era aquilo que eu procurava, que era aquilo que eu queria me aprofundar, estudar, trabalhar. Mas, demorou cerca de um ano até o dia que eu disse para meu orientador, para meus amigos, para minha família: “Eu quero ser antropóloga.”. O mais engraçado é que a maioria das pessoas me disseram: “Eu já sabia.”. A antropologia passou a me tomar de tal de forma, que tudo que eu vivia era antropológico, por isso as pessoas já sabiam, antes mesmo de eu dizer.

Um dia, então, eu resolvo me aventurar etnograficamente. Chegou meu dia de começar a viver a experiência etnográfica, pensei. Minha primeira etnografia foi em uma escola urbana, localizada no estado do Rio de Janeiro, em que eu fiquei em campo durante um ano letivo. Aquela experiência me tomou, me atravessou e foi fundamental para a minha escolha — agora de forma segura — pela antropologia. A etnografia fez com que meu olhar para escola, para os professores, para os alunos, fosse transformado. Eu nunca mais entrei na escola da mesma forma... e essa é uma das contribuições mais significativas que podem existir entre a antropologia e a educação.

Para finalizar, Peirano diz que:

A relação de orientação na antropologia produz elos de uma sequência de gerações intelectuais e revela momentos *sui generis* em que a teoria é vivida em diálogo entre um professor e um estudante. A orientação é a base da formação de linhagens acadêmicas e intelectuais. Penso

que uma relação deste tipo nunca tem fim. (2008, p. 563).

Dessa forma, eu entendo que a pedagogia me ensinou a ser docente. Me ensinou didática, planejamento, currículo, fundamentos... Mas foi a antropologia que me ensinou a importância do ofício do ser docente. Eu vi, na minha própria experiência como aspirante à antropóloga, a importância que exerce um professor, aprofundando e sensibilizando o olhar. Um olhar que só o olhar antropológico é capaz de oferecer. [1]

Além disso, ao me apropriar de monografias clássicas antropológicas, pude vivenciar aspectos teóricos os mais diversos, embora em campos inteiramente diferentes. Nesse sentido, assim como DaMatta desconfiou de Pengy (1978) sobre a generosidade de lhe dar algo, eu também desconfiava da minha interlocutora, quando ela me dava alguma informação ou acesso a algum documento. Eu entendia quando Malinowski (1978) estava irritado com o campo e os seus “nativos”, porque eu também me sentia irritada com o meu campo e com os meus “nativos”. Eu entendia o Mauss (2017) falando sobre reciprocidade, ou o Foote-Whyte (2005) questionando a relação com seu Doc. Mas, ao mesmo tempo, sentia a mesma alteridade com que Seeger (1980) era tomado pelos Kisêdje (Suyás).

Os cenários das monografias clássicas são os mais diversos, mas são capazes de ser sentidos e vividos em outros campos, como dentro da escola. E era curioso vivenciar a escola de forma tão intensa, porque a antropologia, na faculdade, era entendida, pelos meus colegas de curso, como uma disciplina cientificista, que não entendia o que eles chamavam “chão da escola”.

Pedagogo, essa foi para você. Deixe-se ser tomado

pelo olhar antropológico e garanto que os passos dados dentro da escola, serão diferentes. Durante o estágio, ou enquanto estiver fazendo sua investigação de iniciação científica, ou em sua pesquisa monográfica de final de curso, atente-se para o olhar antropológico. Não pense no estudante com “família desestruturada”, no “aluno problema”, no “professor ruim”... Observe mais. Se coloque mais no lugar daquelas pessoas. Não emita juízos de valor. Não tome partidos. Não saia do seu estágio fantasiando a escola (positiva ou negativamente). Espere. O olhar antropológico ensina a importância do tempo nas observações. A antropologia tem um poder significativo, colegas. Ela transforma olhares. Estejam abertos para transformarem os seus.

Cordialmente,

Rosilaine Pereira,

uma pedagoga aspirante à antropóloga.

Notas

[1] Agradeço ao meu professor, Dr. Rodrigo Rosistolato, por ter me apresentado e me ajudado a descortinar o mundo antropológico.

Referências

BOAS, Franz Antropologia cultural. (org.) Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo. Ou como ter anthropological Blues. Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional, vol. 27, 1978.

DAUSTER, Tania. Entre a Antropologia e a Educação - a produção de um diálogo imprescindível e de um conhecimento híbrido. Ilha, Florianópolis, vol.6, 2004.

DAUSTER, Tania. Um diálogo sobre as relações entre etnografia, cultura e educação – representações e práticas. *Linhas Críticas*, v. 21, 2015.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

FOOTE-WHYTE, William. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. *Religião e Sociedade*, vol. 6, 1980.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MARTINS, Valéria de Paula. Antropologia? É de comer ou passar no cabelo?. *Diário de Uberlândia*, 26 nov. 2019.

PEIRANO, Mariza. Lembranças. *Mana (UFRJ. Impresso)*, vol. 14, 2008.

ROSISTOLATO, Rodrigo. A liberdade dos etnógrafos em educação e seu mosaico interpretativo. *REVISTA CONTEMPORÂNEA DE EDUCAÇÃO*, v. 13, 2018.

ROSISTOLATO, Rodrigo. ‘Você sabe como é, eles não estão acostumados com antropólogos!’: uma análise etnográfica da formação de professores. *Pró-Posições (Impresso)*, v. 24, 2013.

SEEGER, Anthony. *Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.